

De -lândia a -olândia: abordagem morfossemântica das construções X-lândia no português do Brasil

Carlos Alexandre **GONÇALVES***

Felipe da Silva **VITAL****

Sandra Pereira **BERNARDO*****

* Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: carlexandre@bol.com.br.

** Aluno do Programa de Pós-Graduação em Vernáculas. Bolsista do CNPq.

*** Professora permanente do Programa de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): sandrapb@uerj.br.

Resumo:

Neste trabalho, descreve-se o estatuto morfossemântico das formações lexicais terminadas em *-lândia* em português: suas características formais e as extensões de significado operadas ao longo do tempo. Para representar os aspectos fonológicos e morfológicos relevantes dessas formações, utilizamos o modelo de Booij (2005, 2010), denominado Morfologia Construcional. Por sua vez, as características semântico-cognitivas de *X-(o)lândia* são abordadas à luz da Teoria da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), observando que domínios estão envolvidos e como se dá o processamento na mescla. Contamos com um corpus constituído de 114 palavras, extraídas principalmente de dicionários eletrônicos, como o Aurélio e o Houaiss. Procuramos mostrar que as novas formações diferem das mais antigas não apenas por apresentar a vogal fronteira *-o-* (cf. ‘Ceilândia’ vc. ‘cracolândia’), mas, sobretudo, porque ativam um *frame* que leva o produto a nomear locais de aglomeração, como ‘macacolândia’ (“local repleto de pessoas de cor negra”) e ‘macholândia’ (“lugar de reunião de heterossexuais masculinos para diversão e lazer”). No caso dos oníonimos, como ‘sushilândia’ (“restaurante de comida oriental”), a mescla é feita por completamento, enquanto, nas formações *X-olândia*, dá-se com elaboração. A principal diferença entre esses dois últimos usos recentes é a expressão de ponto de vista, pois *X-olândia* remete a formas quase sempre avaliadas negativamente pelo conceptualizador: não são lugares circunscritos, sendo, antes, percebidos como áreas com grande contingente de elementos depreciados pelo nomeador.

Palavras-chave:

Morfologia. Semântica. Espaços mentais.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 3, p. 386-407, dez. 2018

Recebido em: 15/09/2017

Aceito em: 27/11/2017

De -lândia a -olândia: abordagem morfossemântica das construções X-lândia no português do Brasil

Carlos Alexandre Gonçalves; Felipe da Silva Vital; Sandra Pereira Bernardo

PALAVRAS INICIAIS

Neste artigo, analisamos as formações X-*lândia* do português: desde as primeiras formas complexas emprestadas para nomear países ('Finlândia', 'Islândia') até as construções mais recentes, encontradas, sobretudo na variedade brasileira (PB), para cunhar locais de aglomeração ('cracolândia', 'cristolândia') e oniônimos ('sushilândia', 'Petlândia'). Tomando por base a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), procuramos mostrar que as formações mais novas resultam de um processo de *blending* (mesclagem), em que *lândia*, agora categorizado como forma combinatória final (CANTERO, 2004; VIEIRA, 2012), projeta, no espaço da mescla, a noção genérica de lugar. A base lexical à esquerda, por sua vez, contribui com o *frame* que ativa. Desse modo, 'Disneylândia' pode ser interpretada como a "terra de Walt Disney", no sentido de ser um amplo parque de diversões (local), combinado com personagens criados pelo animador-empendedor-roteirista, bem como por estúdios cinematográficos e brinquedos de alta tecnologia. Como se pode perceber, a palavra resultante herda características dos dois formativos (os *inputs*), mas apresenta estrutura emergente própria, não constituindo interpretação literal da soma das partes.

Os dados que embasam a análise foram retirados de dicionários eletrônicos, como o *Aurélio* e o *Houaiss*; de redes sociais, como Twitter, Facebook, WhatsApp; e rastreados a partir da ferramenta eletrônica Google. Os topônimos foram extraídos do endereço <<http://www.palavras-que.com/terminam-em-l%C3%A2ndia>>, acessado em 14 de julho de 2017; e os países com *land*, da página <<http://sualingua.com.br/2009/04/29/landa-e-landia/>>, igualmente acessada em 14 de julho de 2017. Nosso corpus conta, ao todo, com 114 formações.

O texto aparece estruturado da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos o modelo utilizado, a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), focalizando, também, as noções de *frame* e MCI (Modelo Cognitivo Idealizado). Na sequência, descrevemos a etimologia e a história da sequência *lândia* em português para, por fim, mostrar que as formações mais recentes incorporam a vogal fronteira *o-*, marcadora da composição neoclássica (PETROPOULOU, 2009; RALLI, 2010), distanciando-se das mais antigas por deixarem de criar topônimos. Concluimos o texto aplicando a Teoria da Mesclagem Conceptual aos dados mais recentes e formalizando o percurso histórico de *lândia* em português com base no modelo de Booij (2005, 2010), chamado Morfologia Construcional.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA MESCLAGEM CONCEPTUAL

No clássico *The Way We Think*, Fauconnier e Turner (2002) se concentram nos aspectos criativos da mente humana, descrevendo, em seu modelo, os mecanismos cognitivos efetuados na busca da construção de sentidos. Propõem que a formulação de redes de integração conceptual, ou *blending* (mesclagem), constitui a base do processo de significação, uma vez que “é o coração da imaginação; conecta espaços de entrada, projeta-os seletivamente no espaço mescla, e desenvolve estruturas emergentes por meio de composição, complementação e elaboração” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 89). Ainda segundo os autores, o processo de mesclagem fornece uma compreensão global, uma escala humana de entendimento e um novo significado. Duque e Costa (2012, p. 109) fazem a seguinte analogia a respeito desse mecanismo:

O uso da escala humana é o princípio a partir do qual podemos tornar ideias grandiosas e complexas, fáceis de serem compreendidas e lembradas. Nesse processo de redução, a informação acaba sendo comprimida, tornando-se menos detalhada. No entanto, quando o processo de *blending* é revertido, os detalhes da compressão ficam visíveis novamente. Esse processo se assemelha ao zoom (+ ou -) utilizado em câmeras fotográficas e filmadoras: quanto mais aumentamos o zoom, mais detalhes são fornecidos.

A construção de sentido, portanto, é um processo complexo que ocorre entre pelo menos dois domínios, tanto no pensamento quanto na linguagem. Os espaços mentais incluem os conhecimentos cognitivo e conceptual que o ser humano adquire por meio das experiências culturais e sociais ao longo de sua existência. A estrutura de um espaço mental herda informações de esquemas conceptuais e *frames*. Sendo assim, os elementos desses espaços se encaixam em modelos cognitivos idealizados (MCIs) que são importados do conhecimento prévio na interação.

O *frame* abre caminho para o entendimento do significado das palavras, bem como para a caracterização dos princípios envolvidos na criação de novos itens lexicais e frases. Assim, constitui um “sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura em que se inserem” (FILLMORE, 1982, p. 111). Desse modo, quando uma entidade codificada linguisticamente é inserida num texto ou numa conversa, todos os outros estão automaticamente disponíveis na cena que projetam. Pode-se afirmar, portanto, que *frame* é uma esquematização da experiência, mantida a longo prazo na memória, e refere-se a elementos e entidades associados a determinado cenário.

A partir da noção de *frame*, Lakoff (1987) observa que os espaços mentais são estruturados por Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) que organizam o conhecimento adquirido a partir das experiências cotidianas, culturais e sociais. Desse modo, MCIs estruturam o pensamento, sendo seu resultado a forma como o mundo é categorizado. De acordo com Lakoff (1987, p. 371), “As categorias conceptuais humanas têm propriedades

que são, pelo menos em parte, determinadas pela natureza corporal das pessoas que as categorizam”. Para Marinho e Ferrari (2016, p. 146),

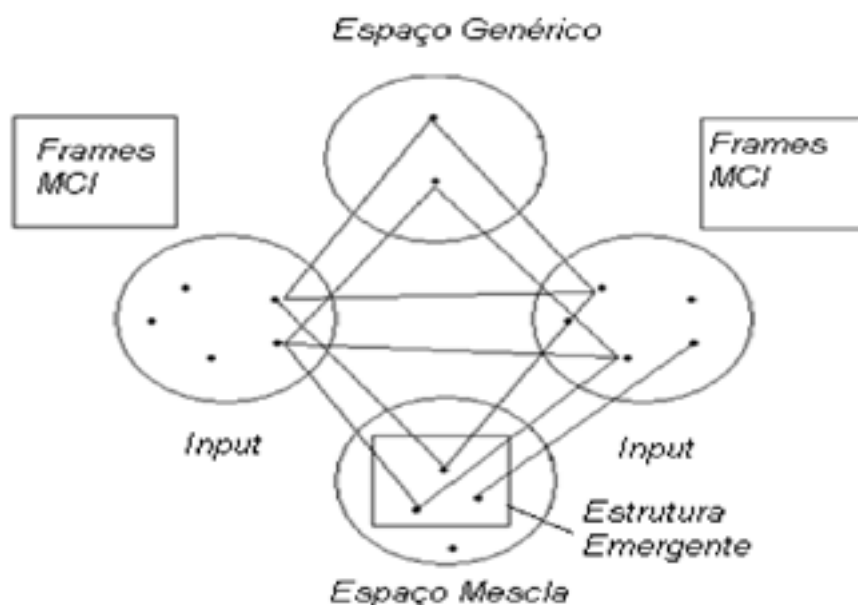
Os MCIs podem advir também de um conhecimento compartilhado em determinada comunidade de fala, possibilitando que, em um dado evento enunciativo, os interlocutores troquem informações implícitas, que só poderão ser acessadas pelos indivíduos que compartilham os mesmos frames. MCI, portanto, é configurado como uma estrutura que armazena o conhecimento adquirido de maneira mais complexa e organizada do que frames e pode ser estruturado por três princípios: a estrutura proposicional, esquemas imagéticos e projeções metafóricas e metonímicas.

Ao contrário dos MCIs, os espaços mentais são transitórios, pois são ativados e usados à medida que a interação progride. Além disso, “são domínios cognitivos locais que refletem o fracionamento da informação à medida que o discurso acontece” (FERRARI, 2011, p. 21). Na proposta de Fauconnier e Turner (2002), os espaços mentais são organizados a partir de MCIs que, por sua vez, são organizados a partir de *frames*. É no espaço mental que são organizados os pensamentos em linguagem; neles, são processados os conhecimentos trazidos dos domínios mais estáveis (ou das bases de conhecimento mais gerais), que contribuem de forma diferente para a construção do significado. Assim, a noção de mapeamento permite concluir que a construção da linguagem se dá de forma analógica, ou seja, é por meio do processo de analogia entre constituintes dos espaços mentais que se dá a realização da linguagem e, conseqüentemente, a construção do significado.

A mesclagem opera sobre dois espaços mentais, *input*₁ (I₁) e *input*₂ (I₂), sob as seguintes condições:

- (a) Mapeamento entre espaços: há um mapeamento parcial de contrapartes entre os dois espaços de *input*;
- (b) Espaço genérico: há um espaço genérico que mapeia em cada espaço-*input*. Esse espaço reflete a estrutura e a organização (comuns e abstratas) partilhadas pelos espaços de *input* e define o mapeamento central entre os espaços;
- (c) Mescla: I₁ e I₂ são parcialmente projetados em um novo espaço, a mescla;
- (d) Estrutura emergente: a mescla tem uma estrutura emergente que não é fornecida pelos espaços de *input* e o processamento ocorre de três maneiras interrelacionadas:
 - (1) Composição: em conjunto, as projeções dos *inputs* criam novas relações, inexistentes nos *inputs* separados;
 - (2) Completamento: o conhecimento dos *frames*, modelos cognitivos e culturais permite que a estrutura compósita projetada na mescla pelos *inputs* seja vista como uma parte da estrutura mais complexa contida na mescla. O padrão na mescla, ativado pelas estruturas herdadas, é “completado” na estrutura emergente, mais complexa;
 - (3) Elaboração: consiste na tarefa cognitiva realizada dentro da mescla, de acordo com sua própria lógica emergente. Em outras palavras, consiste em “operar a mescla”.

Portanto, as características centrais da mesclagem são as seguintes: (a) o mapeamento (linhas de associação) entre espaços mentais (círculos); (b) a projeção parcial dos *inputs* (nem todos os aspectos, representados por pontos, são vinculados); (c) o espaço genérico (aquele em que se conectam as informações gerais comuns aos dois espaços de entrada – I_1 e I_2); (d) a integração de eventos ou entidades; e (e) a estrutura emergente (representada por um retângulo no interior do círculo no espaço mescla). A Figura 1 sintetiza o processo de *blending*.



Fonte: Adaptada de Fauconnier e Turner (2002, p. 169).

Figura 1 – Representação genérica do mecanismo de integração conceitual

Em síntese, segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 390), “a mesclagem conceitual não é algo que fazemos em adição a viver no mundo; ela é nossa forma de viver no mundo. Viver no mundo humano é ‘viver na mesclagem’ ou, antes, viver em muitas mesclagens coordenadas”. Como se vê na Figura 1, a mesclagem opera a integração de estruturas parciais de dois espaços mentais separados em uma estrutura única com propriedades emergentes dentro de um espaço mescla, cuja estrutura é tipicamente mais rica que as estruturas dos espaços-*input*. Na próxima seção, descrevemos o formativo em análise (*-lândia*) para, na sequência, aplicar as ideias de Fauconnier e Turner (2002) às construções lexicais finalizadas nessa partícula.

DA ETIMOLOGIA DO FORMATIVO

Segundo o *Dicionário Virtual Aurélio*, a partícula *lândia* surgiu da junção do radical anglo-saxão *land* (“terra”) com o sufixo latino *ia*, sequência morfológica que, como as vogais

temáticas nominais, tem por função dar estatuto de palavra a radicais presos, a exemplo de ‘mania’, ‘fobia’ e ‘terapia’, entre tantos outros (cf., p. ex., SANDMANN, 1987). Na literatura morfológica recente (WARREN, 1990; LEHRER, 1998; KASTOVSKY, 2009), *lândia* vem sendo tratada como forma combinatória: um tipo morfológico que, situado entre a classe dos afixos e a dos radicais, engloba os elementos neoclássicos, os *splinters* e os afixoides¹ e, por isso mesmo, partilha propriedades dos dois principais processos de formação de palavras – a composição e a derivação.

Ainda segundo o dicionário Aurélio, *land* constitui elemento composicional, pois provém de uma forma livre (significando “região, lugar de”) e foi combinado a outras formas livres para denominar diversos países europeus, a exemplo de ‘Iceland’ (“Islândia”, “terra do gelo”), ‘Finland’ (“Finlândia”, “terra da tribo denominada *Finns*”), ‘Holland’ (“Holanda”, “terra da madeira – de *Holtland*, em que *holt* significava madeira”). Em inglês, não são poucos os países (europeus ou não) com *land* na borda direita da formação:

- | | | |
|------|---------------------------|-------------------------------|
| (01) | Greenland (“Groenlândia”) | Switzerland (“Suiça”) |
| | Poland (“Polônia”) | Netherlands (“Holanda”) |
| | Thailand (“Tailândia”) | Ireland (“Irlanda”) |
| | England (“Inglaterra”) | New Zealand (“Nova Zelândia”) |

O Dicionário Oxford aponta que o primeiro uso conhecido do radical ocorreu em 897 d.C. – *Engla Land* > *England*. A tradução para o português seguiu o molde francês (*Angleterre*), o que não ocorreu com a maioria dos casos, que, como se vê nos dados em (01), recebeu a já aludida terminação *ia*. Nos dias de hoje, *lândia* pode ser considerada forma una (indecomponível), ou seja, é tomada em bloco (sem divisão das partes), pois, segundo o dicionário eletrônico Houaiss (negritos nossos), constitui

elemento de composição pospositivo, do teutônico comum, como ‘terra, país, região etc.’, extremamente frequente em topônimos das línguas anglo-saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo *-ia* de locativos pátrios; em português, além de topônimos como *Groenlândia*, *Finlândia*, *Jutlândia*, tem servido para a formação *ad hoc* de muitos topônimos brasileiros.

De fato, entre o final dos anos 40 e o início dos anos 50, com o planejamento de criação de Brasília, diversas cidades foram cunhadas com a terminação *lândia*, em especial na região Centro-Oeste:

¹ Em linhas gerais, *splinters* são pedaços de palavras usados repetidamente em novas formações lexicais, como *nejo* (‘rocknejo’, ‘funknejo’, ‘feminejo’). Radicais neoclássicos são formas presas, como *gastro-*, inicialmente utilizadas para cunhar nomes da área técnico-científica e filosófico-literária. Por fim, afixoides são radicais neoclássicos ressemantizados que, pela alta frequência de uso, acabam se assemelhando a afixos, a exemplo de *eco-*, cujo significado atual é “ecologia; ecológico”.

(02)	Abreulândia (TO)	Aurilândia (GO)	Babaçulândia (TO)
	Barrolândia (TO)	Brasilândia (MS)	Ceilândia (DF)
	Curvelândia (MT)	Doverlândia (GO)	Gouvelândia (GO)
	Marcelândia (MT)	Maurilândia (GO)	Nortelândia (MT)
	Rondolândia (MT)	Sidrolândia (MS)	Wanderlândia (TO)

No entanto, não são apenas da Região Central do Brasil os nomes de cidades e bairros terminados em *lândia*, como se vê na pequena amostra abaixo,² de lugares brasileiros cunhados com essa partícula. Várias dessas cidades foram criadas e assim denominadas ainda no século XIX, como é o caso de Uberlândia (MG), fundada em agosto de 1888. Esse fato demonstra que *lândia*, agora como legítimo formativo do português, ainda que outrora emprestado do inglês, está disponível na língua há bastante tempo:

(03)	Açailândia (MA)	Acrelândia (AC)	Agricolândia (PI)
	Agrolândia (SC)	Alvinlândia (SP)	Analândia (SP)
	Andrelândia (MG)	Angelândia (MG)	Brasilândia (RJ)
	Brejolândia (BA)	Cacaulândia (RO)	Brasilândia do Sul (PR)
	Cafelândia (PR)	Catolândia (BA)	Cidelândia (MA)
	Clevelândia (PR)	Cordislândia (MG)	Cravolândia (BA)
	Crucilândia (MG)	Divinolândia (SP)	Funilândia (MG)
	Glaucilândia (MG)	Guzolândia (SP)	Herculândia (SP)
	Hidrolândia (CE)	Hortolândia (SP)	Itaipulândia (PR)
	Luzilândia (PI)	Marilândia (ES)	Marcolândia (PI)
	Matelândia (PR)	Materlândia (MG)	Mirassolândia (SP)
	Moreilândia (PE)	Natalândia (MG)	Orlândia (SP)
	Ourolândia (BA)	Petrolândia (PE)	Petrolândia (SC)
	Ramilândia (PR)	Retirolândia (BA)	Riolândia (SP)
	Rolândia (PR)	Romelândia (SC)	Serrolândia (BA)
	Teofilândia (BA)	Teolândia (BA)	Tufilândia (MA)
	Turilândia (MA)	Turvolândia (MG)	Uberlândia (MG)
	Varzelândia (MG)	Verdelândia (MG)	Virgolândia (MG)

Do emprego original de *land*, designando países, para cunhar outros tipos de localidades X-*lândia* no Brasil, não há grande distanciamento semântico, uma vez que, ainda assim, o formativo tem alcance no âmbito da toponímia. Construção morfológica um pouco diferente, mas ainda remetendo à noção de lugar, é ‘Cinelândia’, com datação entre os anos

² Disponível em: <<http://bit.ly/2Tt0MWN>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

20 e os anos 30 do século XX. A região, segundo o *Wikipedia*, localiza-se na Praça Floriano (antiga Guanabara, RJ) e foi construída durante as obras da Avenida Rio Branco, com a demolição do antigo Convento da Ajuda.



Fonte: <<http://bit.ly/2TTkriZ>>.

Figura 2 – A Cinelândia da década de 20-30

Ainda de acordo com o *Wikipedia*,

A ideia de transformar a nova praça, cercada pelos prédios da Biblioteca Nacional, da Câmara Municipal (Palácio Pedro Ernesto), do antigo Supremo Tribunal Federal, do Palácio Monroe e do Theatro Municipal numa versão brasileira da Times Square veio do empresário Francisco Serrador, um espanhol radicado no Brasil e proprietário de cassinos, cinemas, teatros e hotéis (<<http://bit.ly/2X4Lkm9>>).

O nome ‘Cinelândia’ popularizou-se a partir dos anos 30. Dezenas de teatros, boates, bares e restaurantes instalaram-se na região, tornando-a referência em matéria de diversão popular. Percebe-se, na construção morfológica, que a base à esquerda de *-lândia* é um encurtamento³ (**cinema** >> **cine**), mas só é utilizada como forma livre na nomeação de

cinemas (Cine Odeon, Cine Art UFF etc.). O termo, considerado popular pela *Wikipédia*, tem na base um substantivo comum, o que o faz destoar de construções como ‘Vandelândia’, ‘Abreulândia’ e ‘Teofilândia’, por exemplo, claramente cunhadas a partir de um antropônimo. Além disso, deixa de fazer referência a um nome geográfico próprio de região, cidade, vila, povoação, lugar, logradouro público, focalizando o que o espaço oferece: cinema e lazer.

Hoje, a motivação se perdeu, pois, na área, sobrou apenas um cinema (o Odeon), o que tornou a palavra ‘Cinelândia’ um topônimo comum, sendo considerado um bairro da região central do Rio de Janeiro, inclusive com estação de metrô e VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Se não foi a palavra ‘Cinelândia’, que “gatilho” semanticamente diferente justificaria a alta proliferação de nomes *X-lândia* considerados “pitorescos” e criados *ad hoc* (sic!) pelo dicionário Houaiss, como se depreende da citação abaixo?

elemento de composição pospositivo [...] tem servido para a formação *ad hoc* de muitos topônimos brasileiros, bem como para palavras ***ad hoc* de valor afetivo e pitoresco**, como *pagolândia, gurilândia, brotolândia, bostolândia* etc., pelo menos no Brasil (negritos nossos).

O “GATILHO” DE NOVAS CONSTRUÇÕES X-LAND(IA)

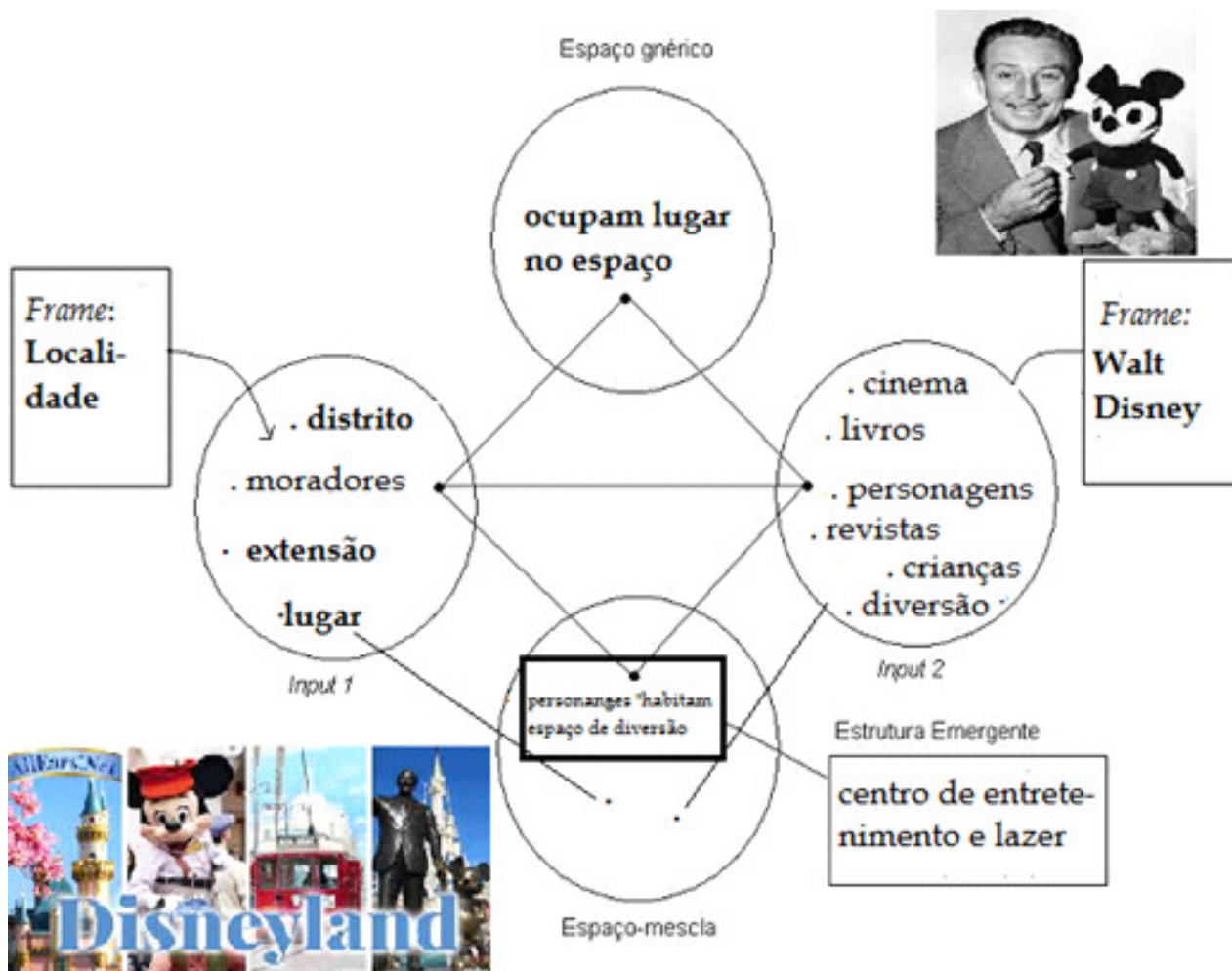
Ao que tudo indica, a palavra terminada em *land* mais conhecida no mundo – e conseqüentemente, no Brasil – é *Disneyland*, grande parque de diversões em Orlando (EUA), inaugurado em 1955 e considerado o maior e mais importante centro temático de diversão do planeta. Seu idealizador, Walt Disney, foi pioneiro no ramo da animação infantil e ganhador de diversos *Óscares*, tendo criado personagens que até hoje fazem parte do ideário infantil: Mickey Mouse, Pato Donald, Cinderela e Branca de Neve, entre tantos outros.

Na construção morfológica, observa-se que a base à esquerda, a que se adjungiu *lând(ia)*, é ainda um antropônimo, pois a *Disneyland(ia)* foi, de fato, “a terra de Disney”, mas não um local qualquer: era/é um mundo mágico, habitado por personagens de livros, revistas e filmes e por brinquedos de alta tecnologia, sendo, sem dúvida alguma, um lugar de lazer e encantamento: um complexo que reúne animação, estúdios cinematográficos e muita diversão.

Com base na Teoria da Mesclagem Conceptual, a formação ‘Disneylândia’ pode ser considerada oriunda de um processo de *blending*: no *input*₁, ativado por *lândia*, sinaliza-se a abertura de um espaço mental de lugar (geograficamente demarcado), contendo elementos como moradores e edificações. No *input*₂, tem-se a figura de Walt Disney, com toda a magia de sua criação: personagens infantis, filmes, atrações. No espaço-mescla, ‘Disneylândia’

³ O encurtamento é um processo de perda de massa fônica; a parte remanescente pode ter estatuto morfológico ou ser meramente uma sequência fônica. O encurtamento, ao contrário do truncamento, não produz um *output* que funcione como forma livre na língua.

reúne elementos dos dois *inputs*, mas tem estrutura emergente que lhe é própria: constitui um parque de diversões, que, embora geograficamente demarcado, não é propriamente uma província/região/distrito, mas um complexo turístico que concentra desde sofisticados brinquedos a estúdios de cinema:



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 3 – Representação do processo de mesclagem na palavra Disneyland(ia)

Sem dúvida alguma, tem-se, aí, um processo de analogia, um dos princípios basilares da Linguística Cognitiva, como revelado no clássico de Fauconnier e Turner (2002). Esse princípio atua no momento em que o falante tem necessidade de explicitar determinado elemento a partir de outro. Assim, a analogia é um princípio de primeira ordem, pois facilita a aquisição e o reconhecimento de novo domínio, uma vez que possibilita fazer paralelismo entre elementos de significados distintos, como é o caso, por exemplo, de ‘Uberlândia’ e ‘Disneylândia’.

Fauconnier e Turner (2002, p. 18) destacam como são interessantes a sistematicidade e a complexidade do processo analógico que, adquirido logo no início da vida, torna-se

invisível para a consciência e acaba por passar despercebido nas situações cotidianas devido às habilidades da nossa consciência de identificar e reconhecer semelhanças e diferenças.

A analogia, portanto, é o processo que tem o objetivo de construir e reconstruir espaços-*inputs*, sendo uma associação intuitiva e esquemática realizada pelo usuário da língua. Pode-se entender, dessa forma, que a analogia é uma transferência de inferências que se dá na construção das cenas ativadas no uso da língua e, por isso mesmo, é uma habilidade cognitiva que precede o processamento da mescla conceptual e permite a correlação de elementos individuais.

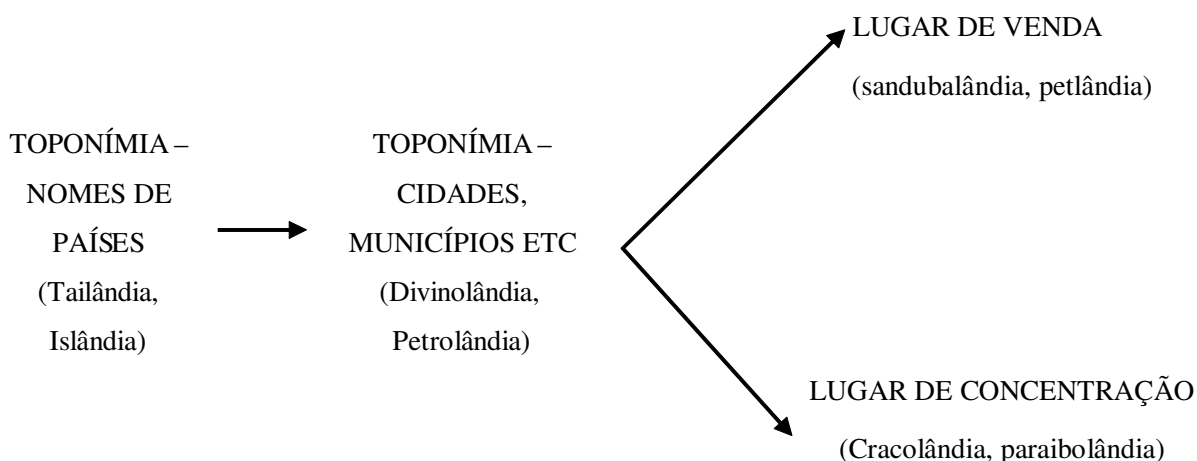
NOVAS FORMAÇÕES EM -LÂNDIA

Acreditamos que um processo similar de *blending* conceptual vem ocorrendo com recentes construções X-*olândia* do português do Brasil. Em primeiro lugar, do ponto de vista formal, construções lexicais como ‘cracolândia’, ‘paraibolândia’ e ‘cristolândia’, entre outras, incorporam a vogal fronteira *o-* e acabam por se conformar ao esquema da composição neoclássica. Tal esquema, por trás de formas como ‘homonímia’ e ‘fonologia’ (termos técnicos da área de Linguística), difere do da composição lexical (com formas livres, a exemplo de ‘carta-bomba’ e ‘bate-entope’) pela presença desse constituinte interno (HIGINO DA SILVA, 2017)⁴:

- (04) Esquema da composição: $[X]_{xi} [Y]_{yi}]_{sj}$
Esquema da composição neoclássica: $[X-o-Y]_{sj}$

Formações mais recentes evidenciam a existência de dois tipos de construções morfológicas: X-*lândia* (tipo 1), que aparece nas palavras mais antigas – como as listadas em (02) e (03), acima – e X-*olândia* (tipo 2), em formas mais recentes, como ‘cracolândia’, ‘cristolândia’, ‘paraibolândia’. Abaixo, um esquema do desenvolvimento histórico do formativo:

⁴ Nesses esquemas, elaborados a partir do modelo de Morfologia Construcional de Booij (2005, 2010), base e produto são indexados pelo símbolo subscrito _s, que representa a classe dos substantivos. Os subscritos _i e _j indicam que tanto a base, representada pela variável x, quanto o produto fazem parte do léxico. No esquema da composição neoclássica, X e Y não têm etiqueta lexical, pois são formas presas ligadas pelo marcador *o-*. O produto, no entanto, é sempre categorizado como substantivo, pois esse tipo de processo morfológico tem por finalidade cunhar cientificismos.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 4 – Mudanças semânticas nas construções X-lândia

Como mostra a Figura 4, o percurso histórico do formativo foi o seguinte: (a) as primeiras construções (a maioria empréstimos) designam nomes de países; (b) com a incorporação ao léxico do português, a partícula, por extensão metonímica, passa a atualizar diversos nomes de lugar geograficamente delimitados, como ‘Brasilândia’ (bairro do município fluminense de São Gonçalo), ‘Ceilândia’ (região administrativa do Distrito Federal) e ‘Uberlândia’ (município do estado de Minas Gerais); (c) o uso disseminado de *lândia* na nomeação de lugares possibilitou a cunhagem de onímonimos (nomes comerciais) e locais não mais demarcados fisicamente, mas de reunião/concentração do que a base à esquerda ativa, a exemplo de ‘cracolândia’ (local em que se reúnem usuários de *crack*) e ‘cristolândia’ (local de reunião de evangélicos para a realização de cultos). Interessante observar que a especialização semântica veio acompanhada de modificação formal: a base deixa de ser uma palavra (forma livre) e passa a ser um radical (forma presa) linkado a *lândia* por meio da vogal fronteira *o*-. Além dessa distinção formal, outra diferença, desta feita fonológica, é igualmente relevante.

Do ponto de vista fonológico, há uma grande diferença entre as duas construções: o domínio prosódico. Formações X-*olândia* não projetam vocábulos fonológicos independentes, enquanto as formas X-*lândia* projetam palavras prosódicas próprias, sendo o todo realizado sob dois acentos. O Quadro 1, a seguir, ilustra a diferença de comportamento prosódico das duas construções. Observe que o isomorfismo entre palavra fonológica (PrWd, delimitada por colchetes, []) e palavra morfológica (MWd, delimitada por chaves, {, }) acontece somente nas formas X-*olândia*, o que evidencia maior integração entre os constituintes e faz com que o produto se assemelhe mais ao de derivados sufixais – formas com um único acento, cabeça à direita e base radical.

Quadro 1 – Relação entre palavra morfológica e palavra fonológica nas formas X-lândia e X-olândia

X-lândia	X-olândia
{[Abreu] _{PrWd} [lândia] _{PrWd} } _{MWd}	{[cracolândia] _{PrWd} } _{MWd}
{[Cine] _{PrWd} [lândia] _{PrWd} } _{MWd}	{[paraibolândia] _{PrWd} } _{MWd}

Fonte: Elaborado pelos autores.

Fonologicamente, portanto, as construções se comportam diferentemente: enquanto X-lândia preserva o acento da base lexical à esquerda, X-olândia promove a criação de um proparoxítono realizado sob um único acento. Algumas evidências podem ser trazidas à tona para reforçar essa diferença prosódica entre as duas construções: (a) a retração acentual e a manutenção da nasalidade fonética, no primeiro caso; e (b) a aplicação da regra de neutralização das pretônicas, no segundo.

Em ‘sushilândia’ (oniônimo – nome de um restaurante que vende sushis e outros pratos da culinária oriental), por exemplo, acontece o fenômeno de retração acentual (*clash*) a fim de se evitar a colisão de tônicas, já que ‘sushi’ é uma oxítone e *lândia*, uma forma presa que corresponde a um pé trocaico (com dominância à esquerda). Sem a retração, os acentos colidiriam, transgredindo uma regra universal de boa formação prosódica. Esse fenômeno serve como evidência para a presença de duas palavras prosódicas (PrWd) na palavra morfológica resultante (MWd). Em ‘memelândia’ (oniônimo – site dedicado à criação e divulgação de memes), a manutenção da nasalidade fonética da palavra-base (‘[mẽ.mI]’) comprova o comportamento prosódico independente do item lexical à esquerda. Esses fatos evidenciam a existência de duas PrWds nas formações X-lândia, o que implica o não isomorfismo entre as categorias MWd e PrWd.

Fato fonológico relevante no segundo caso é a neutralização das pretônicas. De acordo com Bisol (2004), o domínio da regra de neutralização é a palavra prosódica. Como consequência, antes das tônicas, vogais médias se realizam fechadas, submetendo-se, portanto, à neutralização – manifestam-se [o] e [e]. Quando as médias se realizam abertas, [ɔ] e [ɛ], não havendo neutralização, estamos diante de duas palavras prosódicas distintas, como em {[nɔva]_{PrWd} [mente]_{PrWd}}_{MWd} e {[cafɛ]_{PrWd} [zinho]_{PrWd}}_{MWd}. Nas formas X-olândia, percebeu-se, através de testes de leitura e conversação realizados,⁵ que, por exemplo, a vogal

⁵ Foi realizada uma série de testes para controlar a produção de acento lexical e a qualidade das médias nas construções estudadas. Primeiramente, diferentes textos contendo sentenças com os formativos foram formulados pelos autores para que, durante as entrevistas, fossem lidos pelos entrevistados. Após a leitura, eles respondiam perguntas sobre os textos, a fim de que fosse possível a produção espontânea das construções, e, dessa maneira, checar se eram produzidos como palavras fonológicas independentes ou não. O grupo amostral foi constituído de 25 falantes de ambos os sexos e variados níveis de escolarização.

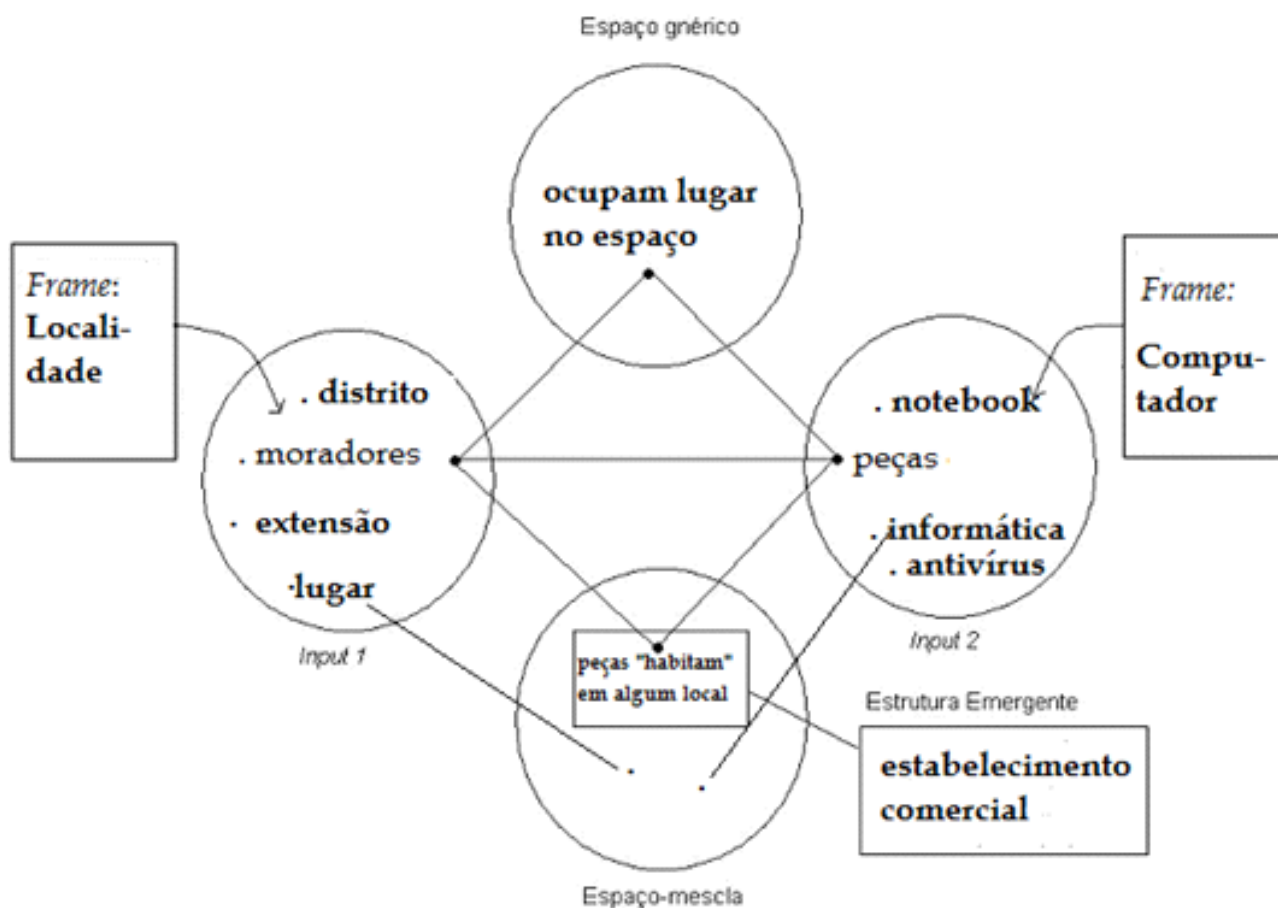
pretônica de ‘bostolândia’ (referência a lugares em que, por descaso político, esgotos correm a céu aberto) realiza-se fechada na palavra complexa, ajustando-se, portanto, à regra de neutralização, que converte as médias de primeiro grau em médias de segundo grau quando deslocadas para a posição pretônica. A base lexical ‘bosta’ apresenta vogal aberta, [ɔ], realizando-se [o] na MWd resultante, o que evidencia o isomorfismo entre as categorias MWd e PrWd.

As diferenças semânticas são as que descreveremos com mais vagar neste texto: as novas formações *X-lândia* tendem a se comportar de modo mais semelhante às que nomeiam lugares (países, cidades, bairros, distritos): de um lado, cunham nomes comerciais que, obviamente, são locais geograficamente demarcados que comercializam o que a base evoca:

- (05) Sushilândia restaurante que vende comida japonesa, aqui representada por sushi
- Babylândia loja que vende roupas infantis
- Petlândia loja que comercializa produtos voltados para animais de estimação
- PCLândia comércio que vende os mais variados tipos de produtos de informática
- Sandubalândia hamburgueria que trabalha com vários tipos de sanduíche

Em todos os dados de (05), a base constitui uma metonímia (do tipo parte-todo) do que realmente se comercializa nesses lugares. Assim, ‘sushi’, uma das mais conhecidas comidas japonesas, é a forma usada para nomear o estabelecimento comercial ‘Sushilândia’, que não vende apenas ‘sushi’, mas todo e qualquer prato da culinária oriental. O mesmo raciocínio é válido para ‘PCLândia’, loja de informática que não trabalha apenas com PC, mas com todos os produtos da área.

Vejamos como ocorre o processo de mesclagem no caso de ‘PCLândia’. Aqui, como nos demais exemplos de (05), a forma combinatória ativa o *frame* de LOCALIDADE e a base, o de COMPUTADOR. No *input*₁, constam elementos como “área”, “extensão”, “habitantes”, “delimitação espacial”. No *input*₂, todo o universo da área de computação é relevado: “peças”, “aparelhos”, “usuários”, “programas” etc. Com o mapeamento parcial de contrapartes entre os dois espaços de *input*, o espaço-mescla ainda preserva a ideia de lugar como território delimitado, circunscrito. Esse local, no entanto, ainda é mais delimitado e circunscrito que o representado por I₁, uma vez que é fechado, de extensão menor, pois é re-enquadrado em função de I₂: não é um local que em vivem pessoas, mas que concentra uma gama variada de produtos da área de informática. Na projeção entre os domínios, objetos relacionados à computação “habitam” o local evocado por I₁, numa clara relação metafórica.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 5 – O processo de mesclagem em ‘Pclândia’

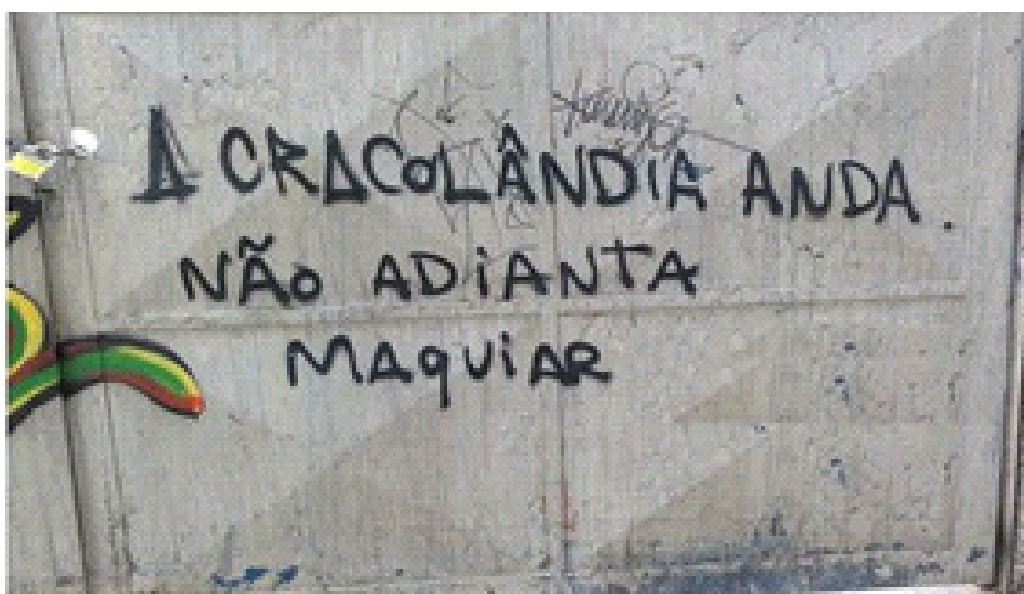
A forma lexical resultante, fruto da mescla, tem estrutura emergente própria, pois deixa de nomear um país/bairro para cunhar um estabelecimento comercial – loja de informática. O processamento, nesse caso, se dá por completamento (FAUCONNIER e TURNER, 2002: 172): O conhecimento dos *frames* e MCIs permite que a estrutura compósita projetada na mescla pelos *inputs* seja vista como uma parte da estrutura mais complexa contida na mescla. O padrão na mescla ativado pelas estruturas herdadas é “completado” na estrutura emergente, mais complexa.

Com sentido não muito diferente do etimológico, os oniônimos *X-lândia* continuam a ser substantivos próprios e nomeiam locais ainda mais circunscritos que as formas antigas. As construções *X-olândia*, embora ainda respondam por nomes de lugares, fazem referência mais a locais de concentração que a áreas que possam ser delimitadas, seja em termos de extensão territorial (como em um mapa), seja em termos de metro-quadrado (edificação). De fato, palavras recém-criadas, como ‘macholândia’ e ‘bostolândia’, não evocam um lugar que possa ser efetivamente mapeado, pois não é mensurável, ou seja, não necessariamente é delimitado. Evidência disso é o fato de não existir apenas uma ‘cracolândia’, como há

apenas uma ‘Islândia’ ou ‘Ceilândia’ (pontualmente localizáveis no espaço): o nome remete a diversos lugares em que se concentram usuários de crack e esses locais, em função da ilicitude da prática, mudam constantemente. A matéria⁶ a seguir comprova o que estamos afirmando:

As Cracolândias do Brasil. As Cracolândias nossas de cada dia.

Se existe um tema que me deixa desgostoso ao abordar, esse tema é o crack. Além de ver todos os dias pessoas que vivem a perambular pelas ruas à procura de sustentar seu vício em crack, vejo também, com a horrenda realidade que os viciados em crack “sobrevivem” ao passar numa espécie de cracolândia nas imediações do mercado da produção e nas praças centrais de Maceió.



Viciados expulsos da Cracolândia deixam recado para a cidade

A gente subentende que as favelas estão às margens da sociedade pela falta de saneamento básico, ou a estrutura física defasada, ou a condição econômica vigente precária, ou até mesmo pela territorialização do tráfico de drogas armado; no entanto, é possível atentarmos para as **cracolândias do Rio de Janeiro** que, diferente de **São Paulo** (que tem as suas **cracolândias** estagnadas nos centros urbanos), as **cracolândias daqui** estão às margens das favelas, ou seja, os viciados em crack estão às margens das “margens” da sociedade alagoana.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2GutsvF>>. Acesso em: 18 jul. 2017.



[...]

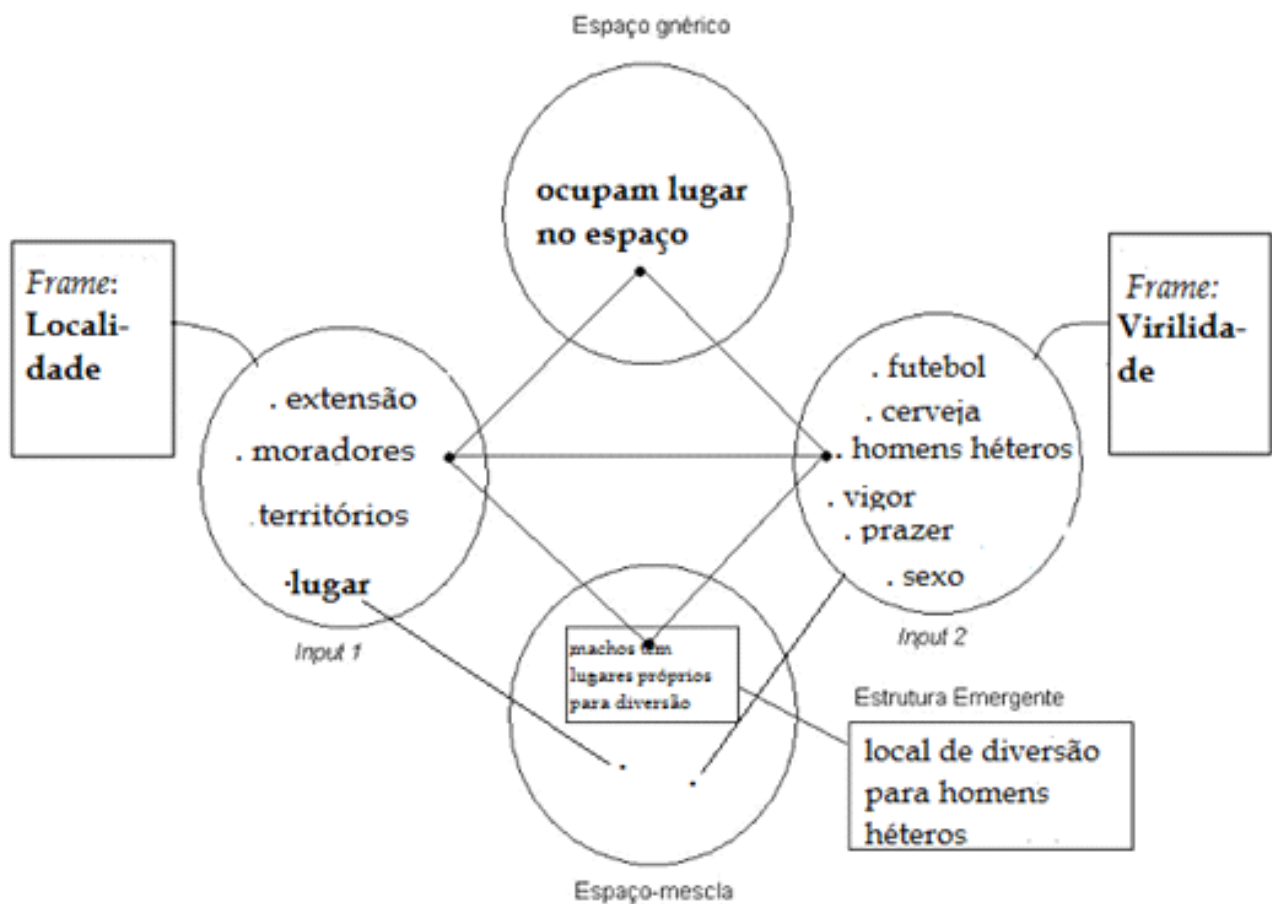
É fácil conceber a opinião popular sobre os viciados em crack, difícil é compreender. Não, não é a voz do vento da loucura, talvez seja a melodia fúnebre que embala os últimos minutos de uma vida entregue ao submundo das drogas. Logo adormecem, entorpecidos, sob cobertores imundos e colchões rotos. Amanhã, certamente, tem mais. Eis aí, a Cracolândia nossa de cada dia!!!

Nomeiam aglomerados, na mesma linha de ‘cracolândia’, as seguintes formações recentes do português brasileiro:

- | | | |
|------|---------------|---------------------------------------------------------------|
| (06) | Cristolândia | lugar em que evangélicos se reúnem para realizar cultos |
| | Brotolândia | lugar/reunião de jovens fisicamente bonitos |
| | Macholândia | lugar de grande concentração de homens para jogar, beber etc. |
| | Paraibolândia | lugar/reunião de nordestinos, chamados de “paraíbas” no RJ |
| | Bostolândia | lugares em que esgotos correm a céu aberto |
| | Bestolândia | lugar de pessoas “sem noção”, ou seja, de pessoas “bestas” |
| | Viadolândia | lugar de encontro de homossexuais masculinos |

Como se pode observar nos dados, há outra diferença crucial entre os dois tipos de formações terminadas em *lândia*: todas palavras em (06) podem ser pluralizadas, uma vez que não denotam um lugar fixo, pré-determinado, que não possa ser alterado: uma ‘cristolândia’, por exemplo, é criada cada vez que uma grande concentração de evangélicos

se reúne frequentemente, em local definido pelo grupo, para a pregação pública da bíblia. Uma ‘brotolândia’ pode ser um bar sofisticado da Zona Sul do Rio de Janeiro ou uma praça pública em que jovens se encontram para conversar e namorar. Também pode ser uma boate, um show de música ou mesmo uma área do pátio de uma escola. Desse modo, defendemos que *X-olândia* evoca não lugares geográficos ou edificações, mas concentrações/aglomerados do *frame* que a base ativa. A ideia de local, portanto, emerge a partir de uma metáfora conceptual do tipo “AGLOMERAÇÕES ROTINEIRAS SÃO LUGARES”. Então, quando determinado elemento (pessoa, coisa) é congregado com frequência e em grandes proporções ativa a noção de lugar, antes experiencial que propriamente físico. A figura a seguir representa o processo de mesclagem em ‘macholândia’, formação que faz referência a locais em que homens heterossexuais se reúnem em torno de diversões típicas desse gênero: jogo de futebol, ingestão de bebidas alcoólicas, competição de sinuca, prática da pescaria, ida a bordéis etc.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 6 – O processo de mesclagem em ‘macholândia’

Na Figura 6, como em todos os dados do corpus, a forma combinatória ativa o *frame* de LOCALIDADE e a base, ‘macho’, o de VIRILIDADE. No *input*₁, constam elementos como “área”, “extensão”, “habitantes”, “delimitação espacial”. No *input*₂, todo o universo de um prototípico heterossexual masculino: “futebol”, “álcool”, “força”, “macheza”, “sexo ocasional” etc. Com o mapeamento parcial de contrapartes entre os dois espaços de *input*, o espaço-mescla ainda preserva a ideia de lugar, mas agora não de território circunscrito. Esse local não é fixo nem tem extensão determinada, pois é re-enquadrado em função de I₂: não é um local que em vivem pessoas, mas que concentra um grande contingente de homens que se intitulam “machos”. Na projeção entre os domínios, esse tipo de homem “habita” o local evocado por I₁, mas agora por metonímia, pois é a frequência dessas pessoas em determinado lugar que nomeia esse ponto de encontro. Como nos demais casos, a forma lexical resultante tem estrutura emergente própria, pois deixa de designar apenas local para cunhar lugares de concentração do que a base ativa. O processamento, nesse caso, se dá por elaboração (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 275): trata-se de uma operação on-line que produz a estrutura única para a mescla, elaborada à medida que é tratada como simulação e processada de forma imaginativa.

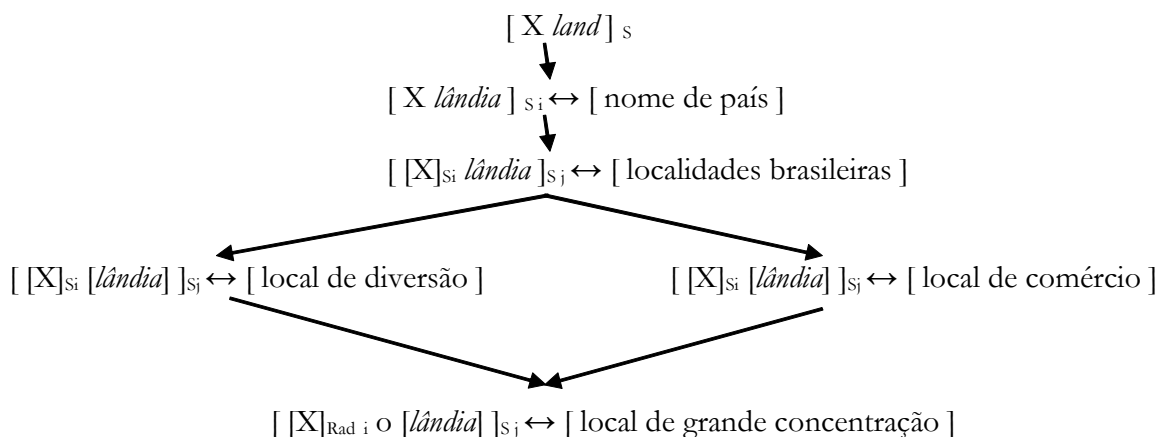
Dessa maneira, o processo de mesclagem responsável pela integração entre domínios cognitivos diferentes tem a finalidade de elaborar descrições conceituais inovadoras: é a fase na qual a mescla é posta em funcionamento de forma criativa. Essa, sem dúvida alguma, é uma diferença fundamental entre os dois tipos de construções terminadas em *lândia*: as que incorporam a vogal fronteira são bem mais expressivas, no sentido de que os três “is” da mente⁷ operam, mas que as outras, com a imaginação, refletindo pontos de vista e juízos de valor por parte do conceptualizador/nomeador. De fato, são extremamente avaliativas formações como ‘bestolândia’ (concentração de pessoas burras) e ‘carimbolândia’ (instituições públicas extremamente burocratas, que emperram o andamento de processos com carimbos). Outras, como ‘viadolândia’ e ‘paraibolândia’, chegam a ser depreciativas e até mesmo preconceituosas.

PALAVRAS FINAIS

Para finalizar, representamos o percurso histórico das formações estudadas com base na Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010). Primeiramente, temos um esquema genérico de empréstimo no primeiro nó de (07), a seguir, cuja instanciação, no segundo nóculo, incorpora a partícula *-ia*, sufixo latino que, ao libertar radicais presos, funciona como marcador de palavra. Nos dois casos, X não é indexado nem apresenta etiqueta

⁷ Os processos de identidade, integração e imaginação, os *three eyes* da mente, segundo Fauconier e Turner (2002, p. 6), auxiliam na construção do sentido, uma vez que demonstram a participação e a criatividade do falante.

lexical, pois não há condições suficientes para a isolabilidade das bases, como em ‘Holanda’, ‘Groenlândia’ e ‘Finlândia’.



Na terceira linha, temos o esquema *X-lândia* fazendo alusão a cidades/bairros/distritos do Brasil, a exemplo ‘Felixlândia’, ‘Açailândia’ e ‘Divinolândia’. Observe que X, a forma à esquerda, agora contém etiqueta lexical (substantivo – S) e é indexada (faz parte do léxico). No polo semântico, tem-se a ideia de lugar geograficamente delimitado: trata-se de bairro, cidade, província, município, distrito. Desse nó, emergem dois outros, cada um por um processo de mesclagem conceptual diferente: de um lado, tem-se a nomeação de áreas de lazer, como ‘Cinelândia’ (em sua primeira acepção) e ‘Disneylândia’; de outro, a cunhagem de estabelecimentos comerciais, como ‘Petlândia’ e ‘Sandubalândia’.

No nó terminal aparece a vogal fronteira *o-*, por analogia ao esquema da composição neoclássica, e a base, agora um radical (não mais uma palavra), ativa um *frame* que leva o produto a nomear locais de aglomeração, como ‘cristolândia’ (lugar de realização de cultos cristãos) e ‘macacolândia’ (local repleto de pessoas de cor negra). No caso dos oniônimos, a mescla é feita por completamento, enquanto, no segundo, dá-se com elaboração. A principal diferença entre esses dois últimos usos é a expressão de ponto de vista, pois *X-olândia* remete a formas quase sempre avaliadas negativamente pelo conceptualizador: não são lugares circunscritos, sendo percebidos, antes, como áreas com grande contingente de elementos depreciados pelo nomeador.

REFERÊNCIAS

BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA*, São Paulo, n. 20 (esp.), p. 59-70, 2004.

- BOOIJ, G. Compounding and derivation. Evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- CANNON, G. Bound-morpheme items: new patterns of derivation. In: BLANK, C. (Ed.). *Language and civilization: a concerted profusion of essays and studies in honor of Otto Hietsch*, Frankfurt: Peter Lang, 1992. p. 478-494.
- CANTERO, M. Formas combinantes: un estudio sobre los procesos morfológicos de truncamiento en español. *Filología y Lingüística*, Madrid, v. 30, n. 2, p. 205-214, 2004.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. 3. ed. atual. Curitiba: Positivo, 2004.
- FILLMORE, C. Frame semantics. *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.
- HIGINO DA SILVA, N. A diversidade tipológica na composição de palavras neoclássicas agro-X. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1779-1791, jan./mar. 2017.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monusuário 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE, R. W. et al. (Ed.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 1-13.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.
- LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, v. 73, n. 1, p. 3-28, 1998.

MARINHO, E. S.; FERRARI, L. Mesclagem conceptual em piadas curtas. *Revista Lingüística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 147-160, jan./jun. 2016.

PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*, Atenas, v. 1, p. 40-58, 2009.

RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (Ed.). *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins, 2010.

SANDMANN, A. J. Novidades do “front” da formação de palavras. *Letras*, Curitiba, v. 36, n. 1, p. 54-68, 1987.

VIEIRA, M. F. O formativo -lândia no português brasileiro contemporâneo: radical ou afixo? *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 1, p. 41-51, 2012.

WARREN, B. The importance of combining forms. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.). *Contemporary morphology*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.